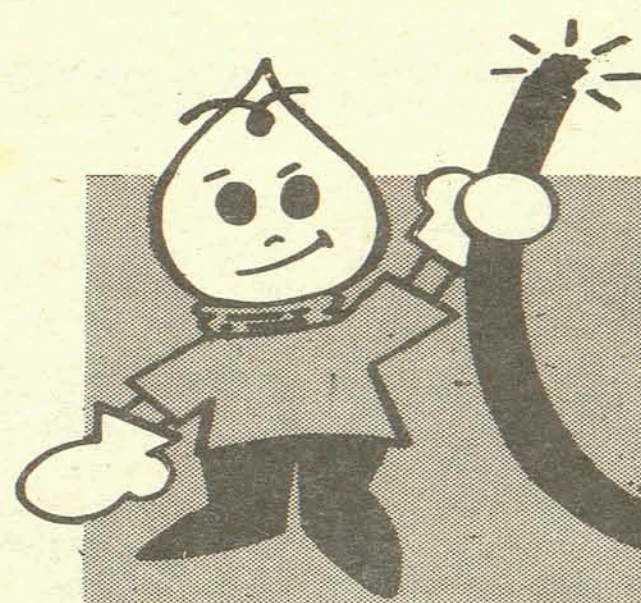




Intersindical dos Eletricitários SC

Nº 115

9/11/90

SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

Greve não sai por enquanto, mas Intersindical segue mobilização

Mesmo com posição favorável à greve assumida em diversas assembleias, a Intersindical resolveu não deflagrar a paralisação. "Com a parte da categoria dividida e outra parte omissa não há condições de entrar numa greve neste momento", comentou Arno Cugnier, Diretor do Sinergia.

A greve havia sido indicada pela assembleia estadual realizada na semana passada, em Florianópolis. O seu objetivo seria forçar a direção da Celesc a reabrir as negociações, encaminhando o processo para um acordo que contemple as expectativas da categoria.

"A possibilidade da greve não está descartada", garante Isaltino Pedron, Presidente do Sindicato dos Eletricitários do Vale do Itajaí. Isso porque a Intersindical vai continuar e agilizar o processo de mobilização dentro da Celesc, procurando mostrar a

realidade da situação para os trabalhadores.

"O pessoal precisa perceber que só uma greve vigorosa vai tirar a diretoria da Celesc da posição cômoda em que se encontra. Ela quer ficar esperando uma posição do Tribunal ao invés de negociar", alerta o presidente do Sindicato dos Eletricitários do Norte de SC, Aramis Novaes. Já para o presidente do Sindicato de Tubarão, Ozéias Souza, o problema é que se a categoria aceitar um reajuste minúsculo agora (e é o que se pode esperar do Tribunal), em janeiro os salários estarão com uma corrosão de mais de 50%.

Entre os dias 20 e 23 vão ocorrer assembleias localizadas para discutir a Campanha. No dia 19 a Intersindical faz reunião e pode decidir por uma assembleia estadual em Joinville ou Blumenau.



Ro Bion

Assembleia de Florianópolis optou pela greve

Comando adia greve

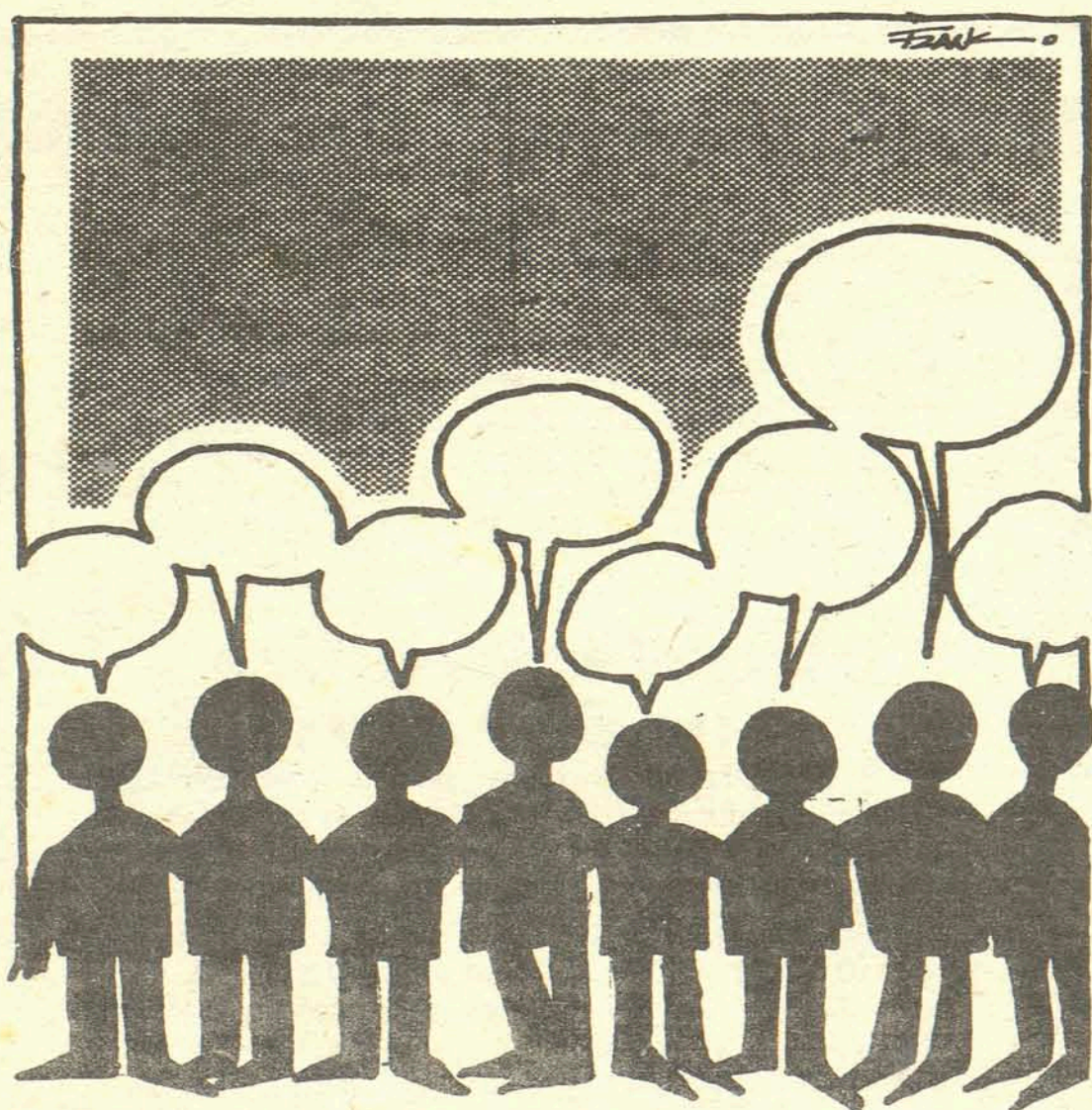
Está suspenso o indicativo de greve no setor elétrico a partir do dia 8 de novembro. Esta decisão foi tomada pelo Comando Nacional após avaliar o resultado das assembleias realizadas em todo país, onde a categoria demonstrou uma disposição de esgotar ao máximo a discussão na mesa de negociação. Ainda na reunião da manhã do dia 1º, o Comando decidiu intensificar a mobilização das bases, preparando a categoria para a realização de uma paralisação nacional, caso as negociações não apresentem avanços. Em seguida, o Comando participou de mais uma negociação com o Fórum das Empresas e novamente viu recusado o reconhecimento das perdas salariais dos eletricitários.

A discussão da reposição de 413,78%, por deliberação do Comando Nacional, vai abrir as próximas negociações. O CNE admite o parcelamento do índice, mas não aceita que as Empresas se neguem a reconhecer a perda da categoria, tentando limitar a discussão no âmbito da Medida Provisória 234, com o desconto do abono.

Outro ponto que o Comando tem destacado nas negociações é a estabilidade no emprego, exigindo das empre-

sas seu posicionamento transparente no que diz respeito às demissões embutidas no processo de reforma administrativa propagada pela Eletrobrás. Na última negociação, Juarez Farias, diretor de Desenvolvimento Gerencial e Administrativo, fez uma intimidação neste sentido. O interlocutor das empresas informou que fará um documento para "acalmar a categoria", frente ao término da validade do acordo coletivo. No texto lido na reunião não apareciam nem a cláusula referente à garantia no emprego, nenhuma das conquistas referentes ao exercício da prática sindical, entre outras.

Diante desse quadro, o Comando Nacional tirou a posição de "acentuar as contradições da categoria entre as condições de penúria e aviltamento profissional", destacando a possibilidade de na luta obter conquistas efetivas na data-base desse ano. Quarta-feira, dia 7, o Comando volta a se reunir. Dias 8 e 9 acontecem novas negociações com o Fórum das Empresas. No dia 6, haverá uma reunião entre o técnico do DIEESE que assessorava o Comando e representantes da Eletrobrás para discutir os itens de reajuste salarial.



Sem receber salário defasado

Os deputados estaduais têm certeza que o pedido de impeachment feito pelos servidores públicos estaduais acabará sendo arquivado. O governador, Casildo Maldaner, nem tanto. Nessa semana ele entrou em contato com a direção da CUT Estadual, solicitando a retirada do pedido, que deu entrada na Comissão de Constituição e Justiça no dia 1º de novembro. O pedido de impeachment foi lido na sessão do dia 5 da Assembleia Legislativa e nos próximos quinze dias deve receber um parecer da Comissão.

O pedido de afastamento do governador foi a primeira medida tomada pelos servidores públicos após o anúncio do pagamento parcelado do salário de outubro — 60% no dia 5 de novembro e o restante a partir do dia 15. A diretoria do Sinte — Sindicato dos Trabalhadores em Educação, reunida no dia 6, levantou a possibilidade de encerramento do ano letivo, caso se confirmem os boatos de que o governo do Estado não teria recursos para pagar os salários de novembro e o 13º salário. Nesse final de semana, os servidores elaboraram uma proposta de mobilização da categoria no Conselho Estadual dos Trabalhadores em Educação, que vai se realizar em Lages.

A presidente do Sinte, Rita Gonsal-

ves Pacheco, ficou tão surpresa quanto qualquer servidor ao receber a notícia do parcelamento do salário de outubro. "Em nenhum dos 34 dias de greve, o governo cogitou a possibilidade de não pagar os salários", Rita explica que a medida só não atingiu os salários maiores e os cargos comissionados do Tribunal de Contas, Tribunal de Justiça, Assembleia Legislativa, Ipesc e Polícia Militar. Segundo a tabela de salários que o Sinte recebeu durante a greve, 48 mil servidores ganham até Cr\$ 40.000,00, o que significa 15% da folha de pagamento. "E foi dessa parcela menor da folha de pagamento que o governo resolveu reter quase a metade do salário, sem prazo para devolução, ou possibilidade de reajuste", conclui a presidente do Sinte.

Os servidores estaduais vem de uma greve que durou 34 dias, mobilizou 80% da categoria e foi encerrada com a assinatura de um acordo que não traz nenhuma reposição salarial. Sobre as perdas do funcionalismo, que até o final do ano alcançam mais de 200%, o governo apenas declara a intenção de liquidar a dívida até o dia 15 de março, quando assume Wilson Kleinübing. "Agora qualquer outra paralisação torna-se inviável, os servidores não tem qualquer garantia de que receberão seus salários defasados",

EDITORIAL

Riscos para os sindicatos

O projeto Collor tem planos para o sindicalismo. A ideia transparece em discursos e declarações não só de gente do Governo, mas também de alguns sindicalistas com "mais trânsito" nos corredores palacianos. Na lógica da livre iniciativa e da livre negociação, nada mais adequado do que o sindicalismo de resultados para conviver em harmonia com uma estratégia política e econômica tipicamente neo-liberal.

O lançamento no ano que vem da Frente Sindical, como uma espécie de herdeira da CGT, logicamente liderada por Luiz Antônio Medeiros, é o anúncio de uma investida para suplantar a CUT e o sindicalismo classista.

Na própria discussão do pacto social, não foram poucas as manobras do Governo no sentido de jogar a Central Única dos Trabalhadores no isolamento. Sublinhar o perfil "intransigente e grevista" da CUT tem sido um expediente usual. Por outro lado a imprensa delira mostrando as divergências internas da Central como se isso fosse sinônimo de esfacelamento, enquanto na verdade é a expressão da democracia interna que garante a coesão dos cutistas.

O projeto Collor para o sindicalismo é o triunfo de Medeiros contra a CUT, é o aniquilamento das correntes classistas e a descaracterização do movimento sindical enquanto ação que busca uma sociedade justa e digna para todos. Por isso, cada passo que qualquer sindicato der hoje deve estar abalizado por esta preocupação. Em cada atividade, em cada mobilização, em cada mesa de negociação pode estar uma cartada no sentido de aniquilar a combatividade. E quem negociar seus princípios será fatalmente aniquilado... ou envolvido pelo turbilhão collorista.

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor Responsável: Glaucio Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT RS 6166) e Rosângela Bion (DRT SC1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Franck Maia. Im-

pressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis-SC, fone: (0482) 22-3666, telex: 481565. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Contradições mostram a essência das demissões

No dia 6 de novembro o jornal O Estado noticiou na sua capa que a Eletrosul pretende demitir cerca de 2 mil empregados. No interior do jornal, o Assessor de Relações Empresariais da Eletrosul, Miguel Sedrez, esquivava-se dos números, mas garantia que vai haver um enxugamento num volume ainda não estimado.

Ma há muita contradição. Pouco antes do O Estado divulgar esta matéria o Diário Oficial, no dia 31 de

outubro, publicava a situação do quadro de pessoal da Eletrosul (veja fac-símile) dando conta de que há 353 vagas a serem ocupadas na Empresa, especialmente no setor operacional.

E bem verdade que pelo menos uma destas vagas já foi ocupada na gestão Amílcar Gazaniga. Fernando Deichman Pereira foi admitido diretamente num dos níveis mais altos da empresa, para exercer a função de assessor da presidência.

QUARTA-FEIRA, 31 OUT 1990

DIÁRIO

Ministério da Infra-Estrutura

SECRETARIA NACIONAL DE ENERGIA

Centrais Elétricas do Sul do Brasil S/A

QUADRO DE PESSOAL

Em cumprimento ao disposto na alínea "a", item b, da Exposição de Motivos nº 139, de 17 de março de 1988, do Ministério da Fazenda, e no inciso III, parágrafo 2º, artigo 21, do Estatuto Social, CENTRAIS ELÉTRICAS DO SUL DO BRASIL S.A. - ELETROSUL torna pública a situação do Quadro de Pessoal, em 30 de junho de 1990.

ESPECIFICAÇÃO	ADMINISTRATIVO	INVESTIMENTO	OPERACIONAL	TOTAL
QUADRO APROVADO	672	1.551	3.856	6.079
EMPREGADOS EXISTENTES	661	1.541	3.524	5.726
VAGAS EM ABERTO	11	10	332	353

AMILCAR GAZANIGA
Presidente

ALTA TENSÃO

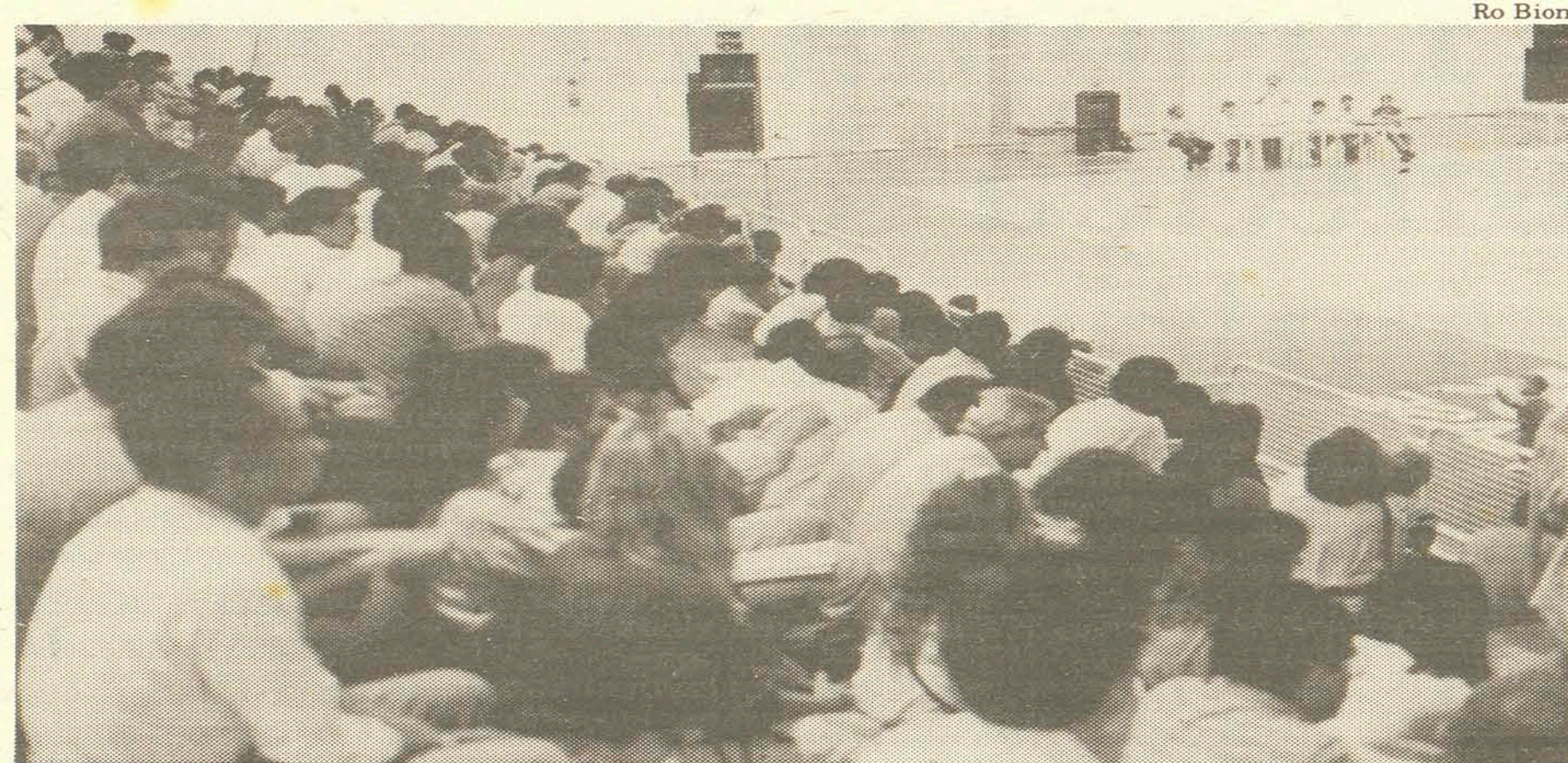
Numeração errada

Um erro gráfico fez com que a edição da semana passada deste nosso **Linha Viva** saísse novamente com número 113, enquanto deveria ser 114. Por isso estamos dando um "pulinho" e saímos agora com o 115. Uma pequena confusão de numeração... Desculpem.

Ângela privatiza o que der e viver

A deputada federal mais votada de Santa Catarina, Ângela Amin, em uma entrevista ao jornal **Folha Sindical** mostrou que pouco conhece da realidade brasileira, mas quando lhe pediram uma solução ela fezilou: "A livre iniciativa é mais competente. Por isso acho que dá para privatizar o Banco do Brasil, a Caixa Federal junto com a Eletrosul e todo o setor de energia, a Petrobrás e até as Universidades Federais. Pode gerar desemprego num

primeiro momento, mas é preciso sacrifício da comunidade". Entendimento à parte, o discurso foi aprendido...



Assembléia na Eletrosul discutiu rumo da campanha salarial

Eletrosul sem proposta para 18 cláusulas

Depois do envio do segundo telex, a direção da Eletrosul marcou para o dia 6, às 14 horas a reunião que discutiu a 10ª cláusula da pauta nacional de reivindicações, que trata da manutenção dos direitos adquiridos. Nessa reunião a empresa afirmou que, com exceção de dezoito cláusulas, mantém os demais itens do acordo coletivo 89/90 e conquistas anteriores. No próximo dia 13, a empresa vai se manifestar novamente sobre os itens pendentes, em reunião com a Intersindical Eletrosul.

Organização sindical é alvo preferido

A Eletrosul já deixou clara a sua disposição de atacar decididamente a organização sindical nesta campanha salarial. E a forma que ela está encontrando para fazer isso é certamente a mais truculenta. Primeiro foi a suspensão

do contrato de trabalho de dois dirigentes sindicais — Mauro Passos e Delman Ferreira —, agora ela se prepara para cortar a liberação de dirigentes, jogando as entidades em grandes dificul-

dades. Se esta intenção se confirmar, estaremos diante de uma verdadeira declaração de guerra ao movimento sindical, da ruptura de uma cláusula já histórica nos acordos coletivos. Mais um gesto de violência.

CUT Fpolis tem debate em dezembro

Serviço público e estatais — realidade e perspectiva. E este o tema do seminário que a CUT Regional Florianópolis realiza no dia 18 de dezembro. A abertura dos debates está a cargo do DIEESE e do economista Célio Espindola. O objetivo do seminário é armar as entidades e os militantes do movimento sindical de elementos para enfrentar a realidade adversa que recai sobre as estatais e o serviço público. A participação é aberta. Local: Sindicato dos Bancários de Florianópolis, Rua Nunes Machado, 14, 7º andar. Horário: da 9 às 18h.

Sinergia fecha para curso interno

O Sinergia estará com o seu expe-

diente fechado no próximo dia 16 e 19. Ocorre que a entidade estará fazendo um curso interno para a diretoria e os funcionários sobre concepção, prática e estrutura sindical. A atividade está sendo preparada pela secretaria de formação sindical e busca "afinar" a entidade no seu funcionamento prático, otimizando todas as atividades e qualificando o trabalho.

"Suor Sagrado" vai estrear

No dia 10 de novembro estréia às 21 horas a peça Suor Sagrado do grupo Dromedário Loquaz. A temporada depois prossegue dias 11, 12, 19, 20, 21, 24 e 25 de novembro, sempre às 21 horas, no Teatro Alvaro de Carvalho. Participam do elenco: Fabrício, Sbruzzi, Gerson Kayser, Pio Borges e Kika Zumblick. O texto de Suor Sagrado e o projeto cênico é assinado por Isnard Azevedo.

TRIBUNA

livre

Negociar princípios?

Glaucio C. Marques
Diretor do Sinergia

Nas polêmicas ocorridas na última assembléia dos empregados da Eletrosul de Florianópolis, uma trata da essência do futuro da luta na empresa. Devem os sindicatos negociar números ou critérios para demissões? Na verdade a pergunta correta seria "vão os eletricitários aceitar a política de Collor para as estatais?"

Por trás das defesas de tal negociação há uma dezena de motivos, medos e ilusões. Ilusões como a de que demissão só cai sobre o vizinho e medo de enfrentar uma ameaça real com a disposição necessária para vencê-la.

Esta é uma discussão que se dá em torno de princípios e não de tópicos de uma negociação. Não se pode tratar do direito ao emprego como se trata a discussão sobre um percentual de reajuste. Quem admite uma demissão, na verdade admite 2 mil, ou seja, não é o número mas a demissão em si a questão.

Se os sindicatos sentarem para negociar demissões estará caracterizada uma concordância em que alguém seja demitido. E não é por aí que se vai sanear as estatais. Neste "cabo-de-guerra" os trabalhadores defendem o seu sagrado direito ao emprego, e o governo a sua vontade de reduzir os gastos públicos para remeter dólares para os banqueiros internacionais.

Lições de Vida

Soraya Nór
Diretor do Sinergia

As punições, em geral, trazem o ranço da repressão, o sentimento de revolta e indignação. No caso específico da empresa, além disso, há reflexos na ficha funcional e o desconto no salário. E particularmente, acrescento ainda, o envolvimento dos meus filhos (de 7 e 9 anos) nesse processo.

Quando contei a eles que havia sido suspensa da ELETROSUL, por 30 dias, devido à nossa greve, eles imediatamente fizeram uma "ponte" com sua realidade e disseram que na escola só eram suspensos, por poucos dias, os alunos que faziam coisas muito erradas.

Explicar que a greve teve 95% de adesão em todo o país, as nossas dificuldades financeiras frente ao arrocho salarial, a ameaça de demissão de milhares de empregados, a importância de lutar pelo que acreditamos e o direito de fazê-lo, baseado no direito constitucional de greve; creio que deu a eles a certeza de que eu não havia feito "coisas muito erradas". A pergunta seguinte foi igualmente difícil de explicar: se tantos fizeram greve, por que só alguns foram punidos? Assim como a injustiça, a arbitrariedade é também um conceito difícil das crianças aceitarem.

Por outro lado, sinto-me muito feliz em poder agradecer aos eletricitários, especialmente da ELETROSUL e da CELESC, que doaram Cr\$ 200,00 de seu salário ao fundo dos punidos, pela lição de solidariedade e união que pude contrapor à lição de injustiça e arbitrariedade que meus filhos tão cedo tiveram que receber. E apontar isso como esperança de construirmos um país melhor.

Obrigada

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.



Yanomami sofre ameaça de extinção cultural e física

No início desse ano a Ação Pela Cidadania publicou um belo material intitulado "Yanomami: a todos os povos da terra". Um dos primeiros textos dessa revista documento é uma entrevista concedida ao antropólogo Bruce Albert pelo líder Yanomami Davi Kopenawa. Davi respondeu na sua própria língua as perguntas, revelando a visão do jovem pajé da aldeia Demini sobre o drama vivido atualmente pelo seu povo. No próximo número mais dados sobre a situação do genocídio do povo Yanomami.

Bruce: Gostaria que você contasse o que os Yanomami falam das epidemias que assolam o seu território por causa da invasão garimpeira.

Davi: Vou te dizer o que nós pensamos. Nós chamamos essas epidemias de xawara. A xawara que mata os Yanomami.

Agora sabemos da origem da xawara. No começo, nós pensávamos que ela se propagava sozinha, sem causa. Agora ela está crescendo muito e se alastrando em toda parte. Há muito tempo Omamê (criador da humanidade Yanomami) mantinha escondida e não queria que os Yanomami mexessem com isso. Ele dizia: "Não! não toquem nisso!". Por isso, ele escondeu nas profundezas da terra. Ele dizia também: "Se isso fica na superfície da terra todos Yanomami vão começar a morrer a toa!". Tendo falado isso ele a enterrou bem profundo. Mas, hoje os nabêbê, os brancos, depois de terem descoberto nossa floresta, foram tomados por um desejo frenético de tirar esta xawara do fundo da terra onde Omamê a tinha guardado. Xawara é também o nome do que chamamos booshikê, a substância do metal, que vocês chamam "minério". Disse temos medo. A xawara do minério é inimiga dos Yanomami, de vocês também. Ela quer nos matar. Por causa disso nós Yanomami estamos muito inquietos.

Quando o ouro fica no frio das profundezas da terra, aí tudo bem. Ele não é perigoso. Quando os brancos tiram o ouro da terra, eles o queimam, mexem com ele em cima do fogo como se fosse farinha. Isto faz sair fumaça dele. Assim se cria a xawara que é esta fumaça do ouro. Depois esta xawara wakexi, essa "epidemia fumaça", vai se alastrando na floresta, lá onde moram os Yanomami, mas também na terra dos brancos, em todo lugar. É por isso, que estamos morrendo. Por causa desta fumaça. Ela se torna fumaça de sarampo. Ela se torna muito agressiva e quando isso acontece ela acaba com os Yanomami.

Tem também a fumaça das fábricas. Vocês pensam que Deosimê (Deus) pode afugentar esta xawara, mas ele não pode repelir esta fumaça. Ele também vai ficar morrendo disso. Mesmo sendo um ser sobrenatural, ele vai ficar muito

doente. Nós sabemos que as coisas andam assim, por isso estamos passando estas palavras para vocês. Mas, os brancos não dão atenção. Eles não entendem isso e pensam simplesmente: "esta gente está mentindo!". Não há pajés entre os brancos, é por isso. Apesar do fato que Omamê tem guardado o ouro embaixo da terra, eles estão retirando grandes quantidades deles cavando o chão da floresta. Por isso, agora a xawara cresceu muito. Ela está muito alta no céu, se alastrou muito longe. Não é só os Yanomami que morrem. Todos vamos morrer juntos. Quando a fumaça encher o peito de céu ele vai ficar também morrendo, como um Yanomami. Por isso, quando ficar doente o trovão vai se fazer ouvir sem parar. O trovão vai ficar doente também e vai gritar de raiva, sem parar, sob o efeito do calor...

Os brancos parecem aumentar muito, mas mais tarde, os Yanomami acabarão tendo a sua vingança! Os garimpeiros, o governo, estes brancos que não gostam de nós... eles são outra gente, por isso eles querem nos fazer morrer. Mas, nós teremos a nossa vingança, eles também acabarão morrendo. É assim também que pensam os hekurabê, os espíritos auxiliares dos pajés; "sim teremos nossa vingança".

Nós, os pajés, também trabalhamos para vocês, os brancos, por isso, quando os pajés todos estiverem mortos, vocês não conseguirão livrar-se dos perigos

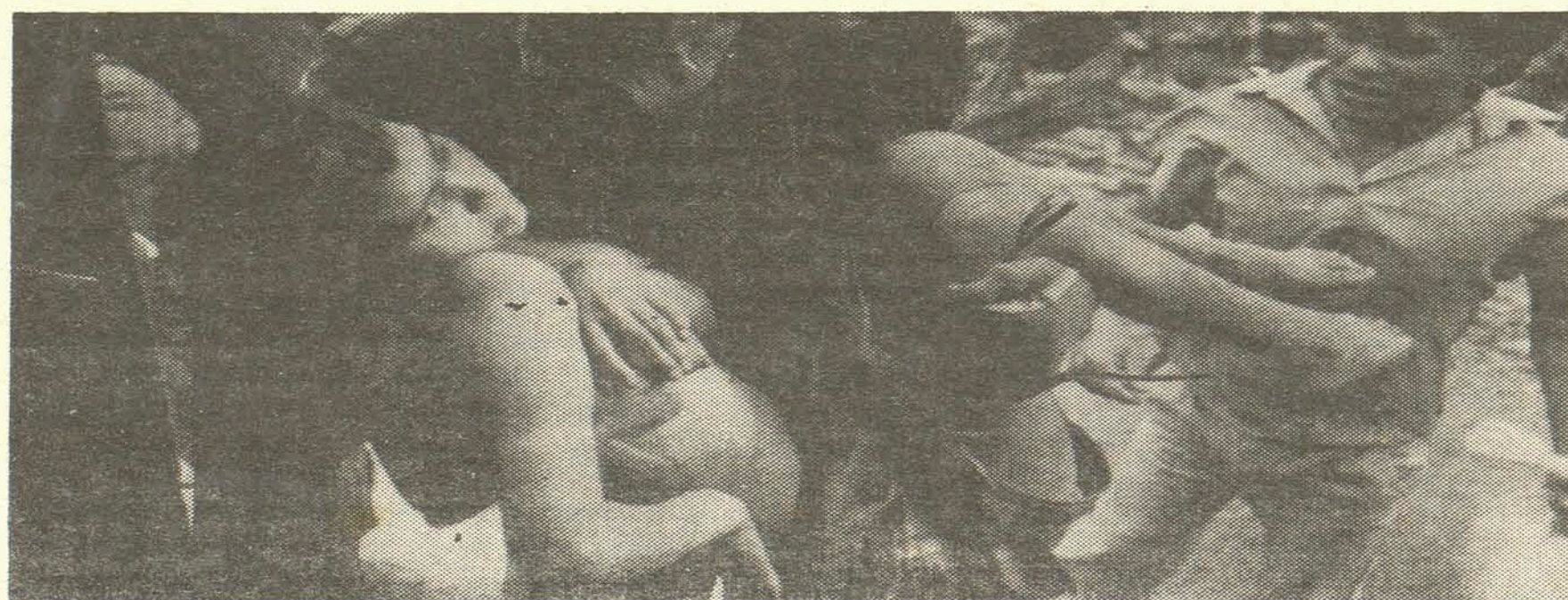
que eles sabem repelir... Vocês ficarão sozinhos na terra e acabarão morrendo também.

Quando os pajés ainda estão vivos o céu pode estar muito doente, mas eles não vão conseguir impedir que ele caia. Sim, ainda que ele queira cair, que ele comece a querer desabar em direção à terra, os pajés seguram ele no lugar. Isso porque nós, Yanomami, nós ainda estamos existindo. Quando não houver mais Yanomami, aí o céu vai cair de vez.

Bruce: Os pajés e seus hekurabê estão tentando lutar contra a xawara? Como é essa luta?

Davi: Nós queremos acabar com a xawara... Mas ela é muito resistente... Ela é toda enrugada e elástica... como borracha. Os hekurabê não conseguem cortá-la com suas armas e ela acaba segurando-os quando a atacam... Os brancos não se juntam a nós contra a xawara. Os seus ouvidos são surdos às palavras dos pajés.

Os brancos não pensam: "o céu vai desabar"... eles não se dizem: "a xawara está nos devorando". Por isso ela está comendo também um monte das suas crianças, ela acaba com elas, as devora sem parar, as matas e moquea como se fossem macacos que ela anda caçando. É assim... xawara tem muita fome de carne humana; não quer caça nem peixes, ela só quer a carne dos Yanomami, porque ela é uma criatura sobrenatural...



Bruce: Se os garimpeiros não forem retirados das suas terras, o que você pensa que vai acontecer para o povo Yanomami?

Davi: Se os garimpeiros continuam a andar em nossa floresta, se eles não voltam para o lugar deles, os Yanomami vão morrer, eles vão verdadeiramente acabar. Não vai haver pessoas para nos curar. Os brancos que nos curam, médicos e enfermeiras, são poucos. Por isso, se os garimpeiros continuam trabalhando em nossa mata, nós vamos realmente morrer. Já morreu muita gente, e eu não queria que se deixasse morrer toda essa gente... Mas os garimpeiros não gostam de nós, nós somos outra gente e por isso eles querem que nós morramos... Eles querem ficar sozinhos trabalhando. Por isso, estamos muito assustados. Outros Yanomamis não vão ser criados depois de nós.

Bruce: Você quer que eu traduza mais alguma coisa?

Davi: Agora você vai dar para os outros brancos as palavras que eu dei pra você. Diga que no começo, quando você morava lá... Conte como a gente era, com boa saúde... Como a gente não morria à toa. A gente não tinha malária. Diga como a gente era realmente feliz. Como a gente caçava, como a gente fazia festas. Nós fazíamos pagelaças para curar. Hoje os Yanomamis nem fazem suas grandes malocas, que chamamos yano, só moram em pequenos tapiris no mato, embaixo de lona de plástico. Não fazem nem roça, nem vão caçar mais, porque eles ficam doentes o tempo todo. É isso.

LINHA
Alberta